

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

ÁRIDAS EXISTÊNCIAS EM VIDAS SECAS, DE GRACILIANO RAMOS E NELSON PEREIRA DOS SANTOS

VITÓRIA STEFANY LIMA BARROS¹
KÁTIA CARVALHO DA SILVA ROCHA¹

AFILIAÇÃO

¹Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão –Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras - R. Godofredo Viana, 1300 - Centro, Imperatriz - MA, 65900-000.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca do fenômeno da adaptação cinematográfica e sua potência de revitalizar textos consagrados quando construída como retomada criativa, tendo em vista, que as adaptações cinematográficas de obras literárias desafiam os limites da criatividade, oferecendo uma perspectiva visual única enquanto mantém a essência da narrativa original. Essa interseção entre literatura e cinema carrega uma enorme capacidade de enriquecer a compreensão cultural e artística. Por esta razão, o objeto de análise será o filme baseado em uma das obras mais prestigiadas da literatura brasileira, intitulada Vidas Secas (1938), escrita pelo romancista alagoano Graciliano Ramos. A adaptação, por sua vez, também fora nomeada como Vidas Secas, tendo sido dirigida e roteirizada pelo diretor de cinema brasileiro Nelson Pereira dos Santos, no ano de 1963. Por tratar-se de uma adaptação, ambas obras possuem a mesma diegese, ou seja, discorrem sobre a vida de uma família de retirantes que se encontra lutando pela sobrevivência em meio ao clima árido que assola o sertão nordestino, munidos de uma pobreza extrema, tanto de dinheiro e pertences quanto de conhecimento intelectual, tendo em vista que, de todos os membros dessa família, formada por Fabiano, dois filhos, a cadela Baleia e Sinhá Vitória, esta é quem tem o maior grau de instrução, sendo ainda limitada a alguns poucos saberes matemáticos e uma ligeira capacidade de comunicação que pouco favorece os infelizes retirantes, vista que, inseridos em uma época e ambiente patriarcais, é atribuída ao homem a função de gerir suplementos e negócios. Atribuição esta dada a um homem que se julga tão humano e esperto quanto um animal irracional. Dessarte, este trabalho será desenvolvido a partir de uma metodologia de cunho bibliográfico, tendo como arcabouço teórico os estudos de Alves, Florêncio e Santos (2021), Bosi (1987), Bosi (1994), Chomsky (1979), Deleuze (2018), Dutra (2015), Hutcheon (2013), Kristeva (1974), Lima (2015), Stam (2007) e Xavier (2003).

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação cinematográfica; Literatura brasileira; Cinema brasileiro.

INTRODUÇÃO

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

Não se deve considerar adaptações como cópias de obras originais, mas sim como um diálogo criativo entre duas formas distintas de expressão, consequentemente, implicando que, as adaptações não são inferiores ou derivativas, mas sim criações artísticas com sua própria importância e valor, “uma adaptação tem sua própria aura, sua própria presença no tempo e no espaço, sua existência única no lugar onde ela acontece” (Benjamin, 1968, p. 214 apud Hutcheon, 2013, p. 23).

Dito isto, apresenta-se *Vidas Secas*, a icônica obra literária regionalista de Graciliano Ramos que, ganhou vida não apenas nas páginas do romance, mas também nas telas do cinema, por meio da adaptação dirigida por Nelson Pereira dos Santos. Em suma, tanto o livro quanto o filme exploram as provações da família de retirantes no árido sertão nordestino, retratando um cenário pungente das condições sociais, econômicas e humanas em um ambiente implacável.

O romance *Vidas Secas*, lançado em 1938, é notável por sua prosa introspectiva, que permite ao leitor penetrar nos pensamentos mais íntimos dos personagens. A história segue a jornada da família formada por Fabiano, Sinhá Vitória, os filhos e a cachorra Baleia, enquanto buscam sobreviver em meio à seca e à pobreza extrema.

Entretanto, Graciliano Ramos não apenas descreve as condições materiais difíceis, mas também explora as complexidades emocionais e psicológicas dos personagens, revelando suas esperanças, medos e decepções. A narrativa literária tem o poder de mergulhar fundo nas motivações e na interioridade dos indivíduos, permitindo uma compreensão mais profunda dessa luta pela sobrevivência.

Consoante a isto, a adaptação cinematográfica de 1963, dirigida por Nelson Pereira dos Santos, enfrentou o desafio de traduzir a riqueza da prosa literária em imagens visuais e sonoras. Haja vista que, “o cinema não apresenta apenas imagens, ele as envolve com um mundo.” (Deleuze, 2018, p. 105). Ao fazer isso, a linguagem cinematográfica oferece uma nova dimensão à história, destacando as paisagens áridas e austeras do sertão, e transmitindo as emoções dos personagens por meio de atuações e trilha sonora. “Equivale a dizer que dois textos nele se encontram. Se contradizem e se relativizam.” (Kristeva, 1974, p. 77.)

As questões sociais permeiam tanto a obra literária quanto o filme, tendo em vista que, a família de retirantes enfrenta uma luta constante contra a pobreza, a exploração e a falta de oportunidades. Portanto, a seca desoladora, a falta de acesso à educação, as condições de trabalho desumanas e a exploração são aspectos centrais que refletem as desigualdades sociais presentes no sertão. Ademais, a adaptação cinematográfica amplifica essa dimensão ao

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

visualizar a escassez de recursos e os obstáculos enfrentados pelos personagens, proporcionando uma experiência sensorial que ressoa com o público.

Ademais, uma temática proeminente é a animalização dos seres humanos, uma representação poderosa da desumanização causada por circunstâncias extremas. Em ambas obras pode ser observada uma persistente comparação dos seres humanos com animais irracionais, sublinhando como a luta pela sobrevivência pode corroer a humanidade e dar lugar a instintos primários, fazendo com que os atos de pensar e falar, tão inerentes aos seres humanos, sejam deixados de lado, tornando-os semelhantes à animais, visto que, “falta ao animal a capacidade geradora revelada no uso normal da linguagem como instrumento livre do pensamento” (Chomsky, 1979, p. 22).

METODOLOGIA

Para desenvolver este trabalho, de início, foi escolhida uma metodologia de pesquisa de caráter bibliográfico, explicativo e, ainda, descritivo, baseada na análise discursiva e interpretação de texto, buscando construir fichamentos dos estudos relacionados à literatura, ao cinema e à adaptação cinematográfica realizados por Deleuze (2018), Dutra (2015), Hutcheon (2013), Kristeva (1974), Stam (2007) e Xavier (2003), além dos escritos acerca do homem e o meio social expostos por Alves, Florêncio e Santos (2021), Bosi (1987), Bosi (1994), Chomsky (1979 e Lima (2015).

Por fim, a última fase refere-se à pesquisa da fortuna crítica relacionada ao filme *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos, e a análise/leitura do livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Assim, esta pesquisa utiliza o método de análise tanto estrutural (a imagem e a palavra) quanto temático (sócio-crítica), buscando, portanto, descrever temas, estruturas e elementos próprios da arte cinematográfica, focalizando, em especial, as trajetórias da família de retirantes, composta por Fabiano (Átila Iório), Sinhá Vitória (Maria Ribeiro), o filho mais novo (Gilvan Lima), o filho mais velho (Genivaldo Lima) e a cadela Baleia. Visando apontar um novo olhar sobre as suas possíveis representações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para discorrer acerca do livro *Vidas Secas* (1938) é importante destacar que este é composto por capítulos soltos, separados e tão aquém uns aos outros que podem ser lidos separadamente e fora de ordem sem que ocorra uma perda drástica de informações. “A ausência

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

de uma sequência linear é o que promove a autonomia de cada capítulo, reconhecendo assim, o seu caráter desmontável" (Bosi, 1994, p. 205).

Dito isto, tem-se os capítulos do livro ordenados como: Mudança, Fabiano, Cadeia, Sinha Vitória, O menino mais novo, O menino mais velho, Inverno, Festa, Baleia, Contas, O soldado amarelo, O mundo coberto de penas e Fuga. Divisão esta que destoa bastante da realizada no filme.

Entendendo que, como uma adaptação, o filme é baseado na mesma temática do livro, e, de fato, estes são guiados pela mesma diegese que conta a história de uma família de retirantes composta por: Fabiano, o pai da família; Sinha Vitória, a matriarca; os dois filhos sem nome, apresentados apenas como "Filho mais novo" e "Filho mais velho" e a cachorra, nomeada como Baleia.

Os personagens encontram-se fugindo da morte iminente causada pela seca extrema no sertão nordestino. E, mesmo que todos os fatos do livro apresentem-se em sua adaptação com uma enorme fidelidade, estes são postos em uma sequência cronológica, frequentemente, divergente, aspecto este que não desvaloriza a adaptação, considerando que esta trata-se de uma nova arte e que, conseqüentemente, não reclama nenhuma fidelidade.

A fidelidade ao original deixa de ser o critério maior de juízo crítico, valendo mais a apreciação do filme como nova experiência que deve ter sua forma, e os sentidos nela implicados, julgados em seu próprio direito. Afinal, livro e filme estão distanciados no tempo; escritor e cineasta não têm exatamente a mesma sensibilidade e perspectiva, sendo, portanto, de esperar que a adaptação dialogue não só com o texto de origem, mas com o seu próprio contexto, inclusive atualizando a pauta do livro, mesmo quando o objetivo é a identificação com os valores nele expressos (Xavier, 2003, p. 62).

Inicialmente, apresenta-se no livro, logo em sua primeira página, o cenário da seca extrema, em que o narrador descreve o caminho dos personagens. Ao passo que, no filme Vidas Secas (1963), a fotografia é uma peça fundamental na construção da atmosfera e na transmissão das emoções presentes na narrativa. A escolha pelo preto e branco é particularmente impactante, capturando de forma expressiva a aridez e a desolação do sertão nordestino e acentuando as temáticas do filme, contribuindo para uma representação visual que destaca a dureza e a falta de vida da paisagem.

Durante a caminhada dos retirantes no início das obras, o leitor/espectador é apresentado à dura personalidade de Fabiano, quando este zanga-se por seu filho mais velho ir ao chão, chorando de pura exaustão. Esta mesma raiva será mostrada durante todo o decorrer

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

da história, entretanto, pelo livro possuir um narrador onisciente, fica mais clara a exposição dos sentimentos, não só de Fabiano, como de toda a família, incluindo a cadela, posto que o narrador detalha, além dos pensamentos - que são poucos - os mais profundos sentimentos dos personagens. Característica esta que se perde no filme.

A onisciência do narrador abre um leque de possibilidades para sondar cada recanto das terras onde Fabiano e os seus sobrevivem. Vai mais além e, por meio do discurso indireto livre, sonda o interior de cada personagem, até mesmo o da cachorrinha. Dos recônditos do pensamento de cada um desses viventes enxerga-se um panorama, no mínimo, assustador: uma terra seca, uma vida seca, a morte rondando cada um a todo instante. (Lima, 2015, p.120).

Após uma longa caminhada, os retirantes encontram uma fazenda abandonada e se alojam no local, construindo entre eles uma chama de esperança por uma vida melhor. Com a família toda reunida dentro da casa durante uma forte chuva que cai sobre a fazenda. Os dois filhos e Baleia deitam-se no colo de Sinhá Vitória enquanto ela inicia uma espécie de diálogo com Fabiano, em que um fala por cima do outro, sem dar muita atenção para as falas de cada um.

Todavia, a felicidade da família é posta à prova, pois, com a chegada das chuvas, o fazendeiro dono das terras retorna à fazenda e exige que a família vá embora, ordem que é contestada por Fabiano, que se oferece para trabalhar como vaqueiro em troca de estadia e mão de obra barata. O fazendeiro aceita a prestação de serviços, porém, no decorrer do filme, somos levados a dura realidade de exploração, posto que ao solicitar seu pagamento, o vaqueiro percebe que está sendo lesado pelo patrão e recebendo muito abaixo do valor somado por sua esposa.

Dessa maneira, a única entre a família que detém um certo grau de intelectualidade - mesmo que baixo - é descredibilizada por estar em uma posição de inferioridade em relação ao dono da fazenda, e ainda, mesmo sendo ela quem coordena o núcleo familiar, também se encontra abaixo de seu marido por conta do sistema patriarcal vigente no ambiente em que está inserida.

Porquanto, percebe-se no decorrer das obras que Sinhá Vitória é a que possui o maior desejo de sair daquela vida e viver com dignidade, se inserindo muitas vezes como um sujeito indignado e esperançoso. Sonhando com um mundo sem seca, com uma vida na cidade, os filhos frequentando a escola, roupas bonitas e uma cama de couro para dormir, como a de "seu

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

Tomás da bolandeira". Por sua vez, o menino mais novo sonha em ser como o pai, o mais velho apresenta uma ânsia por conhecimento e Fabiano apenas deseja que todos passassem por uma "[...] ressurreição. As cores da saúde voltariam à cara triste de sinha Vitória. Os meninos se esponjariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tilintariam pelos arredores. A catinga ficaria verde." (Ramos, 1938, p. 16).

Ademais, em diversos momentos na narrativa, os personagens demonstram uma enorme dificuldade de portar-se como pessoas civilizadas. Seja por não conseguirem usar boas roupas, seja por - com exceção de sinha Vitória - se mostrarem incapazes de exercer um papel comunicativo com outras pessoas - nem entre si - conquanto os questionamentos feitos pelos meninos eram todos respondidos com repreensões e castigos.

Fabiano, então, "nas horas de aperto dava para gaguejar, embaraçava-se como um menino, coçava os cotovelos, aperreado. [...] o único vivente que o compreendia era a mulher. Nem precisava falar: bastavam os gestos" (Ramos, 1938, p. 97). E fora ele quem mais sofrera por essa deficiência de expressividade. Tão tanto que, saindo da igreja – que iam uma vez ao ano – fora tomar álcool e dera de encontro com o "soldado amarelo" que o chama para jogar e se irrita quando o vaqueiro sai da casa de apostas sem despedir-se. Decide, então, provocar o sertanejo que não reage até que tem o pé pisado e xinga a mãe do soldado. Fabiano é preso e açoitado por não saber se defender.

Sinha Vitória e os filhos são obrigados a passar a noite na rua, aguardando a volta da cadela Baleia e do marido, que é solto pela manhã por seu patrão. No livro, no entanto, a soltura do vaqueiro não é relatada. O diretor, por sua vez, introduz um núcleo em que o vaqueiro é preso junto ao afilhado de um cangaceiro, e quando são liberados da cela, os cangaceiros convidam Fabiano para se juntar ao grupo, convite este que é negado.

Posteriormente na narrativa, a sertaneja alude que os pássaros irão matar o rebanho de gado da fazenda, e explica que o sol seca uma parte da água e os pássaros tomam o restante, fazendo com que o gado fique sem água e morra de sede. Tal observação tão detalhada nos leva a crer, novamente, que a mulher é uma pessoa bem instruída, que ela, diferente do resto da família -nas palavras de Fabiano -"tem miolos". Em uma tentativa de consertar a situação, Fabiano resolve matar todas as aves que circulam o local, e, obviamente, falha. Como a mulher previra, após determinado tempo o gado começa a morrer, o fazendeiro resolve levar todos os animais que restaram embora.

Cabe ressaltar que, a esta altura, no romance, a cadela Baleia já havia falecido há

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

bastante tempo. No filme, porém, esta é a primeira vez que ela dá sinais de doença, no momento em que Fabiano a chama para procurar o bezerro que os pertence, ela, acuada, não obedece às ordens e se esconde. Fabiano, por piedade e medo de que a cachorra mordesse as crianças e passasse doença para elas, resolve matar a cachorra, fato este que o atormenta durante todo o restante do romance. Pois "ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam [...]". (Ramos, 1938, p. 85).

Ademais, na adaptação, a família, sem escolha, se vê novamente na condição de retirantes. Agora em "fuga" da seca rigorosa que se estabelecia no local em que encontraram abrigo. "[...] quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família sem se despedir do amo."(Ramos, 1938, p. 116). Desta vez, sem a cadela, tentando projetar sonhos de vida em que eram felizes, onde não precisavam fugir, sinha Vitória, esperançosa, traçava o futuro dos seus familiares.

CONCLUSÕES

Vidas Secas transcende sua forma literária para ganhar vida no cinema, ampliando a experiência emocional e sensorial do público. As questões sociais, a desumanização e a animalização dos seres humanos são temas que percorrem ambas obras, gerando reflexões profundas sobre a natureza humana em um contexto de adversidades. A interação entre literatura e cinema enriquece a compreensão das múltiplas camadas dessa história, proporcionando um espaço para examinar tanto os aspectos estilísticos quanto as implicações sociais e humanas do sertão nordestino retratado por Graciliano Ramos e Nelson Pereira dos Santos.

A representação das questões sociais, como a pobreza e a exploração, é transmitida de maneira impactante, capturando a dura realidade vivenciada pelos protagonistas. Através de detalhes visuais e da direção de arte, o filme e o livro convergem na apresentação de uma atmosfera que transmite a desigualdade social e a falta de oportunidades, evidenciando como essas questões afetam a vida das pessoas, fazendo com que elas cheguem ao ponto de se enxergarem e agirem como animais irracionais.

Dessarte, é seguro afirmar que a adaptação cinematográfica tem o poder de revitalizar um livro ao atrair novos públicos, oferecer uma perspectiva visual e emocional única, contextualizar a história de maneira contemporânea, resgatar clássicos e incentivar a leitura.

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

Processo este que amplia o alcance da narrativa e a mantém viva e relevante para as gerações futuras.

APOIO FINANCEIRO

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno in Coleção escritores brasileiros – Antologia e Estudos – Graciliano Ramos. Ensaios da crítica literária e ideológica.** São Paulo, Editora Ática, 1987.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura.** São Paulo: Cultrix, 1994.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e pensamento.** São Paulo: Vozes, 1979.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2 – A imagem – Tempo.** São Paulo: editora 34, 2018.

DUTRA, Kátia (2015). **119 anos de Graciliano Ramos.** Disponível em Blog Conceitos Literários. www.conceitosliterarios.com.br. Acesso em 19 de julho de 2023

FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B. dos; ALVES, M. A. A DESUMANIZAÇÃO DOS PERSONAGENS DE “VIDAS SECAS” COMO ELEMENTO DA EXPLORAÇÃO SOCIAL. **Afluente: Revista de Letras e Linguística**, São Luís, v. 6, n. 17, p. 333–348, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/15066>. Acesso em: 29 jun. 2023.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise.** São Paulo: Perspectiva S.A, 1974.

LIMA, Marcos. **Mulheres de Graciliano.** Londrina: Edue, 2015. Disponível em: <https://www.scribd.com/book/405675005>. Acesso em: 15 fev. 2023.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** 58ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

STAM, Robert. **Realismo, magia e a arte de adaptação.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

XAVIER, Ismail. **Do texto ao filme: A trama, a cena e a construção do olhar no cinema.** In: __. O olhar e a cena Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 61 89.